

SILVIA CARDOSO, EXEMPLO DE EVANGELIZAÇÃO

63 anos depois da passagem ao céu da Venerável Sílvia Cardoso (a Dona Sílvia, como é conhecida aqui na sua terra, falecida a 2 de Novembro de 1950) e encontrando-nos já perto da conclusão do “Ano da Fé”, é justo recordar o seu extraordinário exemplo de MULHER DE FÉ e de EVANGELIZADORA.

1) A FORMAÇÃO QUE RECEBEU.

A Fé de Sílvia é a fé da Igreja, que lhe foi transmitida pelos Pais e os educadores, e que ela nunca deixará de cultivar e alimentar ao longo de toda a vida, principalmente através dos Exercícios anuais e dos Retiros mensais, nas Associações de que se torna membro, em particular desde a sua infância no Colégio das Irmãs Doroteias no Sardão, as “Filhas de Maria” (ligadas aos Padres Jesuítas). Em 1925 inscreve-se nos “Servos de Jesus”, obra fundada pelo Bispo auxiliar da Guarda, D. João de Oliveira Matos. A seguir, adere à “Liga de Ação Social Cristã”, de que é assistente nacional o Padre Jesuíta Sebastião Pinto da Rocha, e ao núcleo desta Liga, já inspirado na Mensagem de Fátima, chamado “Obra de Adoração e Reparação”.

Nesta última Obra brotará a grande amizade com a irmã do P. Sebastião, Maria da Conceição Pinto da Rocha, inspiradora de uma “união de almas”, que influenciará decisivamente a espiritualidade vital de Sílvia; sem todavia lhe fazer perder o ardor apostólico para percorrer, se possível fosse, todo o Portugal a converter os pecadores e a “abrir-lhes a porta a Jesus”¹, pois ela oferece-se como “vítima” não só nas horas de adoração noturna, mas também nas exigências de uma vida apostólica itinerante, em que não se poupa. Deseja mesmo ser “missionária do Amor Misericordioso de Jesus”,² como a Virgem de Fátima .

É nesta ardente espiritualidade, inspirada nos Exercícios de S. Inácio e atualizada pela mensagem de Fátima, que a leiga Sílvia Cardoso colhe todas as energias para o seu frutuoso apostolado, que a levará desde o Minho e Trás-os-Montes até ao Alentejo.

Ela está convencida que a bondade divina vem através dos tempos oferecer à humanidade “nova redenção”³. As recentes aparições da Virgem em Fátima tornam evidente esse desígnio de Deus, com o qual ela se sente fortemente chamada a colaborar⁴. Se o Amor de Cristo vem oferecer aos homens “nova redenção”, compete

1

Cfr. Summ. pp. 426-427, n. 145.

2

Cfr. Summ. pp. 379-380, n. 46.

3

Cfr. Summ. p. 427, n. 147; p. 363, n. 12, etc.

4

Cfr. Summ. p. 443, n. 181.

corresponder-lhe com uma “nova evangelização”. No tempo de Sílvia não se usa esta segunda expressão, mas ela colhe perfeitamente o apelo divino.

Sílvia tem consciência da novidade que o seu tempo exige. A palavra “novo” está continuamente presente na sua terminologia missionária. Vê a necessidade de “uma geração nova, formada na escola marcada pelo Redentor”⁵. Está convencida de que “chegou a hora” : que os corações desapegados de tudo e totalmente entregues ao Espírito Santo,⁶ “cheios do seu Amor abrasarão a terra, aquecendo os corações gelados”⁷. Deus – escreve ela⁸ - “lega-nos a mais divina missão: salvar o mundo por um novo Pentecostes de Amor”⁹. E, como o Cardeal Cerejeira, ela compreende que é urgente “buscar as bases de um novo edifício; levantar na Igreja o seu prestígio”¹⁰. Esse edifício é a Ação Católica e o Cardeal conta com a espiritualidade de apóstolos como Sílvia para dar alma àquele Organismo, que não pode ser um Corpo sem alma¹⁰.

Mais tarde, durante a II Guerra Mundial, e na sequência da Enc. Mystici Corporis Christi, Sílvia vê que a geração nova tem de¹¹ ser preparada no Amor que provém da Cruz, para que possa surgir um mundo novo¹¹.

2) O APOSTOLADO QUE REALIZOU, E COMO.

Desde cedo, a sua vida de piedade foi acompanhada pela visita aos pobres da paróquia (assim o conta o pároco de então, P. Pombo¹²); e também, lendo a sua correspondência, apreciamos a sua capacidade evangelizadora nas cartas ao irmão António, estudante em Coimbra¹³, e a algumas amigas¹⁴.

É ainda a intenção evangelizadora o que a leva a dirigir-se com uma amiga a Tuy em Abril de 1917, para fazerem Exercícios Espirituais com um Jesuíta, com o objetivo de

⁵ Summ. p. 449, n. 199.

⁶ Summ. p. 456, n. 215.

⁷ Summ. p. 455, n. 213.

⁸ Summ. p. 456, n. 214.

⁹ Summ. p. 458, n. 221.

¹⁰ Cfr. Summ. p. 460, n. 226.

¹¹ Cfr. Summ. p. 499, n. 307.

¹² Cfr. *Em memória de D. Sílvia Cardoso Ferreira da Silva – Homenagem do Concelho de Paços de Ferreira*, 1951, p. 39.

¹³ Cfr. Summ. p. 361, n.6.

¹⁴ Cfr. Summ. p. 366, n. 19.

iluminá-la numa ¹⁵ encruzilhada da vida, pois aquela estava prestes a decidir-se por um matrimónio civil .

Neste Retiro a amiga encontra luz e força para se manter na fidelidade à Igreja; e Sílvia ¹⁶ encontra o chamamento ao amor de Cristo, que a une a Si e a envia como apóstola ¹⁷ , como é caraterístico da espiritualidade inaciana . Como? Ela deve ainda procurar...

A experiência do contacto com a “febre espanhola” que ela teve na visita aos doentes em 1918, e que a pôs também perto da própria morte, ¹⁸ impulsionou-a decisivamente para o apostolado institucionalizado . Havia uma obra que necessitava da sua intervenção imediata: o Hospital de Paços de Ferreira, quase terminado quando faleceu o seu fundador, o Dr. Joaquim Leão de Meireles. Sílvia oferece-se para ajudar à sua instalação e ¹⁹ sustento nos primeiros seis meses, facilitando a sua abertura em ²⁰ Janeiro de 1919 . E a este segue-se a criação da Creche para as crianças pobres .

Em 1923, inicia uma Obra de cariz diretamente evangelizador, a Obra de Exercícios Espirituais para leigos, cujo benefício ela mesma tinha experimentado em Tuy, em 1917. É o diretor deste retiro de Tuy, o P. Jesuíta António Vaz Serra, quem lho propõe. E ela adere com a sua pessoa e os seus bens. Com o dinheiro que lhe vinha do Brasil, da herança do noivo, prepara e abre a sua 1ª Casa de Retiros em Sequeiros (Penafiel). ²¹ O próprio P. Vaz Serra é mandado pelos Superiores como diretor espiritual da Casa . Sílvia convida pessoalmente os retirantes, organizando grupos para todas as categorias sociais, ²² desde os camponeses aos intelectuais, grupos de homens e grupos de senhoras . Ajuda ao sustento da Casa com os produtos das suas quintas, mas principalmente prodiga-se para que o Evangelho possa chegar ao coração das pessoas, com o seu exemplo de oração e o conselho.

O Padre Manuel Moreira Neto, diocesano, testemunha que “se sentia bem no ambiente e quase se tocava a influência irradiante e contagiosa da sua alma de

¹⁵ Cfr. Summ. p. 365, n. 15.

¹⁶ Cfr. Summ. p. 169, §282.

¹⁷ Cfr. *Exercícios Espirituais*, S. Inácio de Loyola, n. 145.

¹⁸ Cfr Summ. p. 230, §401 e p. 145, §236.

¹⁹ Cfr. *Livro dos Actos da Comissão Administrativa*, fl 23v (citado por ANGELO ALVES, em *Elementos para a história da Assistência social no Concelho de Paços de Ferreira*, p. 21).

²⁰ Cfr. Summ. p. 58, §80.

²¹ Cfr. *Arquivo da Província Portuguesa*, nº 8, p. 493.

²² Cfr. Summ. p. 226, §392 e p. 232,

apóstola, que vivia só para Cristo”²³ . Estava sempre atenta a tudo e a todos, no meio do movimento do retiro, com uma simplicidade que encantava. Acompanhava os exercitantes com uma oração assídua, e a adoração prolongada pela noite adiante. Os casos mais diversos e difíceis vinham ter com ela, ou ela ia ter com eles, procurando sem descanso uma solução humana e cristã.

Sílvia sabia usar para cada um a linguagem do coração, que intui as feridas e delicadamente as abre para o bálsamo salvador da Graça divina. (Esta é mesmo a razão de todo o sucesso de Sílvia na sua vasta obra de apostolado: a sua linguagem!).

Fernanda Bacelar documenta em que consiste a força do seu método de evangelizadora:

“A sua caridade exprimia-se sobretudo no modo como tratava as pessoas... Para ela tudo era igual: uma miserável prostituta ela dizia que era filha de Deus como os outros, ao ponto de se tornar a salvação daquela pessoa. Mesmo estas pessoas tratava-as com muito afeto. Por acaso tive ocasião de ver isso na Amadora, quando uma daquelas infelizes lá foi. A D. Sílvia tratava-a sempre por filha: - Ó minha filha, isto não está bem, é preciso seguir outro caminho! [...] E chorava com ela, abraçava-a e chorava verdadeiramente, sofria, acompanhava e compreendia os problemas de cada um. Era como se os sentisse, e por isso mesmo se advertia aquela caridade e humildade. Cativava qualquer pessoa, atraía como um íman. A D. Sílvia sentia os problemas de cada um, mas individualmente: eu tive sempre esta impressão. Dirigia-se a cada um com meiguice, sempre. Tocava ainda mais os corações porque dizia as coisas com uma simplicidade tão grande, e era mesmo a sua simplicidade²⁴ que nos cativava a todos. Para nos convencer, bastava o modo como nos falava”²⁴ .

O objetivo da Obra de Retiros era a renovação da vida cristã pessoal e social, e conseguia-o de maneira notável. Esta Obra preparou por toda a parte o início da Ação Católica, que tinha em vista a colaboração dos leigos na realização do “Reino Social” de Cristo, ou seja, fazer com que a Fé saísse da esfera privada para as estruturas da vida social. Mais tarde, no Processo de beatificação, o próprio bispo da Ação Católica, Dom António dos Reis Rodrigues lhe reconhece este valor, e chama a D. Sílvia “precursora em vários aspetos, pelo espírito missionário que imprimia a todas as suas empresas e pela audácia que a levava a iniciativas apostólicas aparentemente impossíveis”²⁵ .

À casa de retiros em Sequeiros seguiu-se a da Granja (Baltar), a de Quintela e a da Campanhã, na Rua do Falcão, que já perto do fim da vida de Sílvia, o Bispo do Porto entrega à Ação Católica.

²³

Cfr, Decl. 6, Summ. p. 319, §578.

²⁴

Summ. p. 180 §305.

²⁵

Summ. p. 237 §414.

Entretanto, por instância dos respetivos prelados, Sílvia promove retiros em diversas dioceses: em diferentes localidades de Coimbra, em Braga, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Valpaços, Moledo, Chaves, Boticas, Carrazedo de Montenegro, etc; nos hotéis de Vidago e Pedras Salgadas, fora das épocas balneares; e no Alentejo, em Évora, Elvas e Estremoz, a pedido de D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

Em Elvas, os retiros tiveram tanto êxito que Sílvia abre uma Casa, a pedido do Arcebispo,²⁶ que depois confia à fundadora das Irmãs Concecionistas ao serviço dos pobres, pois o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, chama-a para lhe entregar a direção da Casa de Retiros da Quinta do Bosque, na Amadora, comprada pelo Patriarcado para retiros e conferências da Ação Católica, na sua preocupação de formar um laicado maduro, à altura dos desafios daquele tempo.

A partir de 1937 Sílvia reside na Quinta do Bosque e a obra de formação do laicado da Ação Católica prossegue aqui sem interrupção. Mas²⁷ a nossa apóstola não se confina no interior da Casa. Movidada pelo amor das almas, ela sai e vai ao encontro das necessidades, ou convidada por alguém ou de sua iniciativa. Tem consciência de que a sua missão é “ir às almas, abrir-lhes as portas” a Jesus, embora esta seja também a sua coroa de espinhos, a sua cruz. Deve “buscar as almas que não conhecem Jesus, e as que estão²⁸ fora do seu coração, atraí-las a ele”; “deve levar a luz de Cristo do palácio à choupana”.²⁸ Fá-lo particularmente na Grande Lisboa e nas missões no Alentejo, a convite do Arcebispo de Évora.

Muitos testemunham que toda a ocasião era boa para o seu apostolado sincero e perspicaz, e que a força da sua Fé impressionava até mesmo os não crentes. Multiplicavam-se²⁹ assim os momentos de um frutuoso apostolado individual de conversão de vidas.

A sua capacidade de entrar em contacto com as pessoas é enorme³⁰ e deve-se à sua grande humanidade e a um lúcido amor sobrenatural. Para ela todos somos filhos de Deus, porque o Senhor a todos remiu com o seu sangue. Sílvia nunca fez aceção de pessoas³¹.

Apesar do seu temperamento vivo e muito ativo, Sílvia deseja e sabe ser meiga e paciente para acolher e compreender os pecadores e atraí-los ao Coração de Jesus,

²⁶

Cfr. Summ. p. 315, §569.

²⁷

Cfr. Summ. pp. 474-477, nn. 261, 264 e 265; p. 262 §461.

²⁸

Cfr. Summ. pp. 426-428, nn. 145-147.

²⁹

Mafalda Vaz Pinto, 49ª testemunha, menciona dois casos que servem de exemplo (cfr. Summ. pp 247-249 §433 e §437).

³⁰

Cfr. 46ª testemunha, Summ. p. 239 §417.

³¹

Cfr. 49ª testemunha, Summ. p. 247 §433.

infinitamente misericordioso.

Os seus colóquios muitas vezes tinham origem numa conversa ocasional, que podia nascer “em qualquer lugar da rua”, numa loja, no mercado, no comboio ou no táxi ... Iniciava uma conversa com extrema facilidade, fosse com quem fosse, e fazia-o com fins apostólicos, alcançando rapidamente um nível profundo.

Pelo grande amor que tinha às pessoas, Sílvia não descuidava nenhuma ocasião de as aproximar, se apercebia em alguém uma necessidade material ou espiritual, fosse qual fosse a categoria do interessado. Abeirava uma pessoa do povo, como abeirava um intelectual ou até um sacerdote, e tinha para cada um a palavra justa. Dom José Joaquim Ribeiro não hesita em chamar-lhe um carisma especial ³².

Era também assim que ela se dirigia às pessoas para as convidar aos retiros que organizava, e com o mesmo afeto as acompanhava durante e depois dos retiros.

A sua simplicidade levava-a a envolver as amigas, as pessoas conhecidas e até as desconhecidas na sua ação, aceitando ou pedindo um transporte ou uma ajuda para carregar os sacos cheios de livros, santinhos e medalhas que trazia sempre consigo, ou entulhados de roupas para os pobres. E, enquanto a estavam a ajudar, ela sabia fazer nascer também com eles a conversa apostólica.

Mafalda Vaz Pinto, dirigente nacional da Conferência Vicentina, afirma que “a sua caridade era contínua: não a deixava repousar, e impelia-a a abrir-se a toda a espécie de casos que se lhe apresentavam, particularmente as crianças abandonadas pelas famílias, as pessoas desempregadas e os lares em ³³discórdia”. Confessa que saber de alguém desempregado era uma aflição para Sílvia!

É mesmo este incansável apostolado individual que leva Sílvia à organização de respostas institucionais aos vários problemas que encontra. Associando diversas amigas à sua ação, aproveita pois a Casa de Retiros da Quinta do Bosque, destinada à Ação Católica, para outras iniciativas de carácter espiritual e caritativo.

Na grande Quinta havia muitos espaços desaproveitados, e ela reúne aí progressivamente várias obras, procurando dar solução a graves problemas de carácter social: a infância abandonada, a mulher ³⁴desamparada, a jovem em risco... Qualquer miserável encontrava nela uma ajuda . A caridade era o seu forte; não a organização!

E assim, tudo junto na mesma Quinta criava alguns problemas, ao ponto de o Cardeal ³⁵Cerejeira chamar a esta Obra complexa “o caixote do lixo da D. Sílvia” . Mas ela

³²

Cfr. Decl. 3, Summ. p. 315, §568.

³³

Cfr. 49ª testemunha, Summ. p. 249 §437.

³⁴

Cfr. Summ. p. 157 §260.

³⁵

Cfr. Summ. p. 50 §64.

desejava conscientemente criar uma “Obra de proteção para todos”, que manifestasse o Coração de Jesus, o seu Rosto ³⁶. Para isso, tem a preocupação de tornar visível a comunhão que une todos os agentes da evangelização ³⁷. Só essa comunhão revelará o Rosto de Deus!

3) O SEU OBJETIVO: A “OBRA DE JESUS” OU “OBRA DO AMOR”.

É desde 1928, quando faz o seu “voto de Vítima” que Sílvia se refere continuamente à “Obra de Jesus”, ou “Obra do Amor”, exprimindo o seu grande desejo de que a Igreja se aperceba de ser portadora desta Obra de Amor ³⁸, que requer que o Amor seja posto em Obra por todos nós, com solicitude e união ³⁹.

Mas aquela complexidade na Quinta do Bosque cria alguns problemas, e Sílvia também não está sempre presente; desloca-se frequentemente ao Norte e ao Alentejo, onde tinha fundado e continua a fundar outras Obras ⁴⁰. Por isso o Cardeal convida Maria José de Lencastre, sobrinha de Sílvia, a vir ajudá-la na organização da Casa. Maria José vem em Abril de 1944 e, pouco depois, Sílvia constata que têm um critério diferente quanto à utilização da Casa ⁴¹. O Cardeal confia então a direção à sobrinha ⁴². E Sílvia, sem perder a estima do Cardeal nem tampouco da sobrinha, regressa ao Norte, onde iniciará ainda outras Obras, especialmente o Patronato de Espinho. Aqui, além de uma notável obra social, organizará ainda muitos retiros.

Mantém o interesse pela organização dos retiros até ao fim da vida. Testemunha-o o P. João Augusto Gonçalves, quando diz:

«Ela não quis terminar a sua vida, quando já estava muitíssimo mal e já ia para o hospital, já desesperada, sem dar dois retiros. Um a homens, outro a senhoras... Um dia fui surpreendê-la a subir de gatinhas a escada íngreme que dava para a capela... agarrada

³⁶

Cfr. Summ. pp. 477-478, n. 266.

³⁷

A união é fruto da ação do Espírito Santo em nós, que nos torna todos uma só Obra (cfr. Summ. p. 490, n. 287).

³⁸

A Quinta do Bosque era “a escola do Amor, aberta a todos”, porque ali “tudo era feito em união de Amor”, que se exprimia “no abraço real dado às almas” (Summ. 490, n. 287).

³⁹

Cfr. Summ. pp. 35-36 §39; p. 175 §295; p. 472, n. 254 e pp. 478-479, n. 266.

⁴⁰

Cfr. M^a José de Lencastre, test. 44^a, Summ. p. 233 §407; Teresa de Lencastre, test. 24^a, Summ. p. 138 §223.

⁴¹

Cfr. Teresa de Lencastre, 24^a test., Summ. p. 138 §223.

⁴²

Cfr. Summ. p. 196 §332; p. 573, n. 464.

aos degraus e às grades, a subir, porque não tinha força já para subir direita» .

D. Sílvia é assim hoje exemplo para nós no ardor requerido pela pastoral da “NOVA EVANGELIZAÇÃO”; e por muitos dos métodos que espontaneamente utiliza, levada pela sua grande humanidade, CARIDADE e intuição das coisas .

PODEMOS APRENDER MUITO COM ELA:

- A grande importância que a Palavra de Deus teve na sua vida, através dos retiros para leigos, que foram naquele tempo um “excelente meio de catequese de adultos” (como dizia D. João de Oliveira Matos, que fundou ele próprio uma Casa de Retiros para Leigos, na diocese da Guarda).

- O seu ardor missionário, que a faz sair de casa e ir ao encontro de quem se encontra em necessidade espiritual ou material, sem se poupar;

- A sua forma de contacto ousado, mas simples e humilde;

- A sua linguagem, que brota de um coração sensível e sinceramente solidário;

- A sua capacidade de se associar a outros para encontrar respostas válidas para os problemas do seu tempo;

- E finalmente a sua percepção de que a Obra de Jesus só se realiza na Comunhão⁴⁵, numa comunhão visível⁴⁶, que revele o Rosto de Jesus⁴⁷ e origine um mundo novo, uma nova cultura⁴⁸ .

Na obra complexa da Quinta do Bosque, ela não encontrou o meio mais adequado para provocar a visibilidade da “Obra do Amor” ou do amor em obra, que seria já na pastoral post-conciliar a criação dos Conselhos Pastorais junto ao Bispo e ao Pároco.

Tampouco pôde teorizar o que a Caritas só hoje começa a propor-se: a união transversal de todas as Obras e Movimentos, para acudir às necessidades com real amor e eficácia.

43

Uma vida para os outros, Sílvia Cardoso, Testemunhos dos seus contemporâneos, Ed. da Câmara Municipal de Paços de Ferreira (1998), p. 211, n. 28.

44

Cfr. Cardeal Manuel Cerejeira, Decl. 1, Summ. p. 311 §559.

45

A Obra de Deus “é toda em união feita” (Cfr. Summ. p. 491, n. 289 e p. 488, n. 283)

46

Cfr. Summ. pp. 514-515, n. 334; p. 581, n. 482.

47

Cfr. Summ. p. 473, n. 258; p. 483, n. 274.

48

Se a Comunhão é visível, renova a face da Terra (cfr. Summ. p. 490, nn. 286 e 288).

Mas para ela era claro que esta é a meta da evangelização, é a Obra de Jesus, é o Seu Amor em Obra na vida dos cristãos.

Será que já é claro também para nós?

Paços de Ferreira, Paróquia de Santa Eulália, 4 de Novembro de 2013.

Silvina Palmeirim